

# **Casos de piroplasmose equina atendidos no Hospital Veterinário de Grandes Animais da Universidade de Brasília entre janeiro de 2018 e junho de 2022**

Brasília, 09 de Novembro de 2022

ELABORAÇÃO: Letícia Barbosa Mota

REVISÃO: Yara Cavalcante

SALA DE SITUAÇÃO DE SAÚDE DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)



**EPI-RIDE**



SALA DE  
SITUAÇÃO  
FS/UNB

**UnB**

## INTRODUÇÃO

A Babesiose Equina é uma hemoparasitose importante, mundialmente distribuída, sendo também conhecida como Nutaliose, Febre Biliar ou Piroplasmose Equina (JARDIM, 2014). Os agentes causadores dessa enfermidade são a *Babesia caballi* e a *Babesia equi* (hoje reclassificada como *Theileria equi*), podendo estar presente de forma isolada ou ambas as espécies infectando concomitantemente um mesmo animal. A transmissão da doença ocorre principalmente por meio de carrapatos das espécies *Dermacentor nitens*, no caso de infecções por *B. caballi*, e *Amblyomma sculptum*, no caso de infecções por *T. equi*, porém já foram relatados casos envolvendo a espécie *Rhipicephalus (Boophilus) microplus* (FONSECA, 2010).

A distribuição do agente responsável pela Piroplasmose em equinos está diretamente associada à distribuição geográfica e estacional, no caso de *B. caballi*, dos vetores responsáveis pela sua transmissão. Hoje, aproximadamente 120 milhões de cavalos encontram-se infectados por piroplasmas e vivem em áreas endêmicas (NANTES e ZAPPA, 2008), estando a doença disseminada pelas regiões tropicais e subtropicais das Américas, Ásia, África e Sudeste da Europa (UILENBERG, 2006), principalmente devido às limitações associadas ao ciclo biológico dos carrapatos.

Cavalos que participam de esportes hípicas a nível internacional devem ser mantidos com baixos títulos ou isentos da infecção, uma vez que esta hemoparasitose é considerada como o principal impedimento para o trânsito internacional de equinos. Segundo Radostits (2006), isso se deve ao fato de que

países como Canadá, EUA e Austrália, os quais possuem uma indústria equina muito forte, apesar de já serem livres dos piroplasmas equinos, não são livres dos vetores que os transmitem. Logo, a entrada de animais positivos nesses países é terminantemente proibida (seja por importação ou apenas para a participação em competições), pois mesmo que não ocorra a manifestação dos sinais clínicos da doença, esses animais são considerados como reservatórios e fontes de infecção. Ainda, a exportação de equinos para países declarados livres de Piroplasmose só é possível se os animais forem submetidos a protocolos de tratamento especiais para eliminação completa dos agentes antes da viagem e se forem avaliados por métodos sorológicos que comprovem a sua soronegatividade, tanto na saída do país de origem quanto na chegada ao seu destino final (OIE, 2008).

Desse modo, os carrapatos enquadram-se como vetores de inúmeras doenças para a espécie equina, dentre as quais é possível destacar a Piroplasmose Equina, a Erliquiose Equina, a Borreliose, a Febre Hemorrágica da Criméia-Congo, entre outras (MASSARD, 2004).

Em regiões tropicais, como a maior parte do Brasil, a Piroplasmose Equina é uma enfermidade considerada em “estabilidade enzoótica”, apresentando uma prevalência que varia de 5,5 a 96%, de acordo com cada região (HEIM, 2007).

## **OBJETIVO**

Devido ao impacto da piroplasmose em equinos, como a cancelamento da participação em competições, desenvolvimento e desempenho, o presente trabalho tem como objetivo realizar levantamento de dados de exames laborato-

riais positivos para a presença de hemoparasitas em amostras sanguíneas de equinos e em exames de esfregaço sanguíneo, realizados no Laboratório de Patologia Clínica do Hospital Veterinário de Grandes animais da Universidade de Brasília entre janeiro de 2018 e junho de 2022.

## **RESULTADOS**

Entre os anos de 2018 e junho de 2022, foram confirmados 122 casos de piroplasmose equina em animais atendidos no Hospital de Grandes Animais da Universidade de Brasília, a maioria em animais do sexo masculino (68,6%, 84). O ano de 2019 representou 48,3% (59) dos casos confirmados, seguido por 2018 com 22,1% (27), 2021 com 13,1% (16) e ambos os anos de 2020 e 2022 com 8,1% (10) (Tabela 1). É importante ressaltar que no ano de 2020, o HVET/UnB operou com capacidade de ocupação reduzida devido à pandemia da Covid-19 e, em 2022, os dados foram avaliados até o mês de junho.

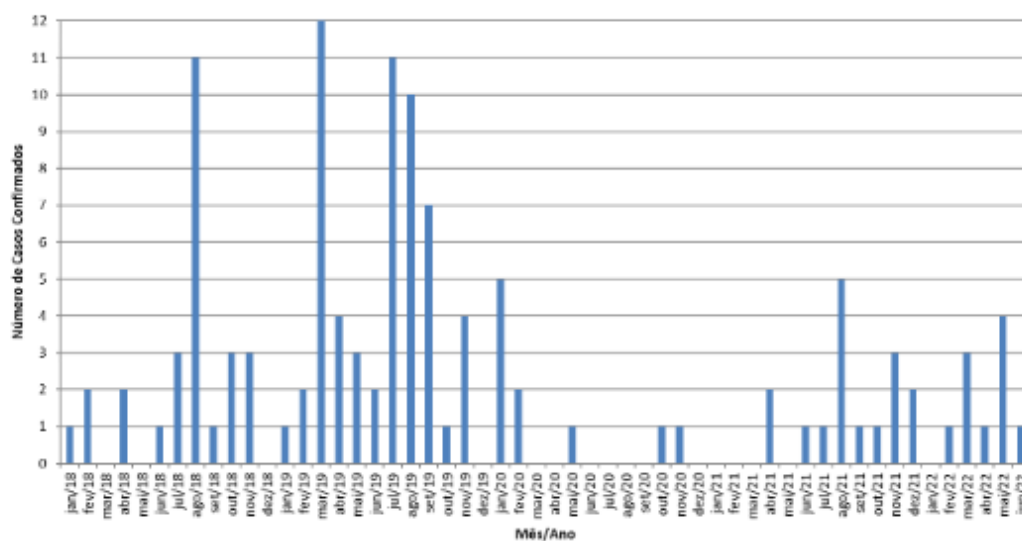
Tabela 1 - Casos confirmados de piroplasmose equina no HVET/UnB, 2018-2022.

Parâmetros	Ano				
	2018	2019	2020	2021	2022
<b>Casos confirmados</b>	27	59	10	16	10
<b>Sexo</b>					
Masculino	20	37	8	11	8
Feminino	7	22	2	5	2
<b>Idade</b>					
0-4 anos	6	11	0	8	4
5-14 anos	5	17	5	3	5
15-20 anos	0	4	1	3	0
Não Informado	16	27	4	2	1
<b>Parasito</b>					
<i>Babesia caballi</i>	25	55	10	1	0
<i>Theileria equi</i>	2	4	0	2	2
<i>Babesia caballi</i> ou <i>Theileria equi</i>				13	8

Fonte: HVET/UnB. Elaborado pela autora.

Em relação a distribuição dos casos de piroplasmose equina ao longo dos anos. Observa-se na figura 1 que o mês de agosto, em todos os anos, apresentou alta ocorrência de casos, e o mês de junho de todos os anos apresentou baixa ocorrência de casos, sendo março de 2019 o mês com maior número de casos.

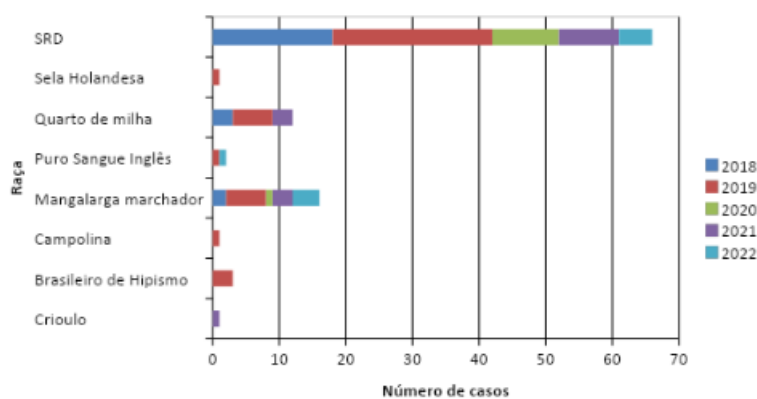
Figura 1 - Distribuição dos casos confirmados de piroplasmose equina, 2018-2022, HVET-UnB.



Fonte: HVET/UnB. Elaborado pela autora.

Animais sem raça definida (SRD) apresentaram o maior número de casos no período avaliado (Figura 2), entretanto é importante ressaltar que a quantidade de animais SRD recebidos pelo HVET/UnB é grande devido a apreensão de animais errantes. Entre os animais com raça definida, Mangalarga Marchador foi a raça que apresentou maior número de casos, seguida por quarto de milha.

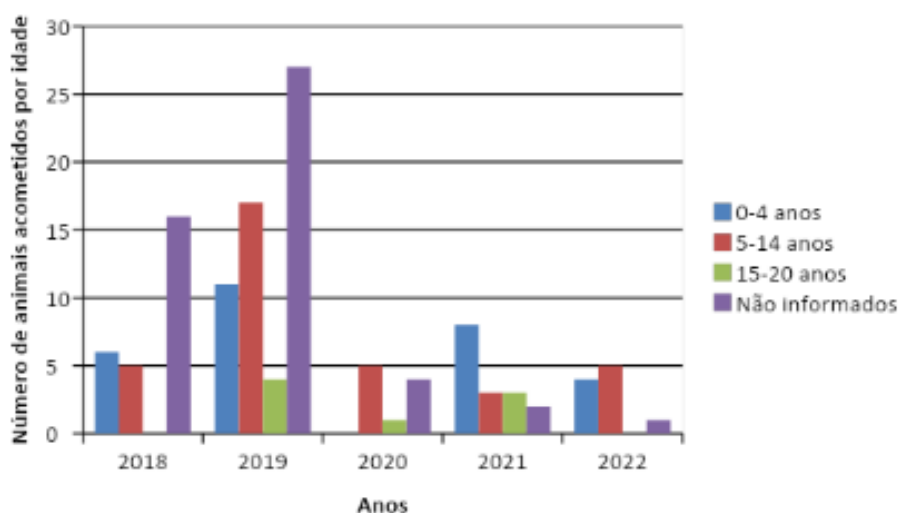
Figura 2 - Casos de piroplasmose equina identificados no HVET/UnB, 2018 a 2022, agrupados por raça.



Fonte: HVET/UnB. Elaborado pela autora.

Em relação à idade dos animais diagnosticados com piroplasmose equina no período estudado, observa-se que animais com idade não informada apresentou maior ocorrência (Figura 3). O não preenchimento das fichas de recebimento do animal acarretou essa alta ocorrência. Animais advindos da apreensão de animais geralmente não apresentam histórico, cabendo ao médico veterinário avaliação dentária para determinação da idade.

Figura 3 – Casos de piroplasmose equina identificados no HVET/UnB, 2018 a 2022, agrupados por idade.

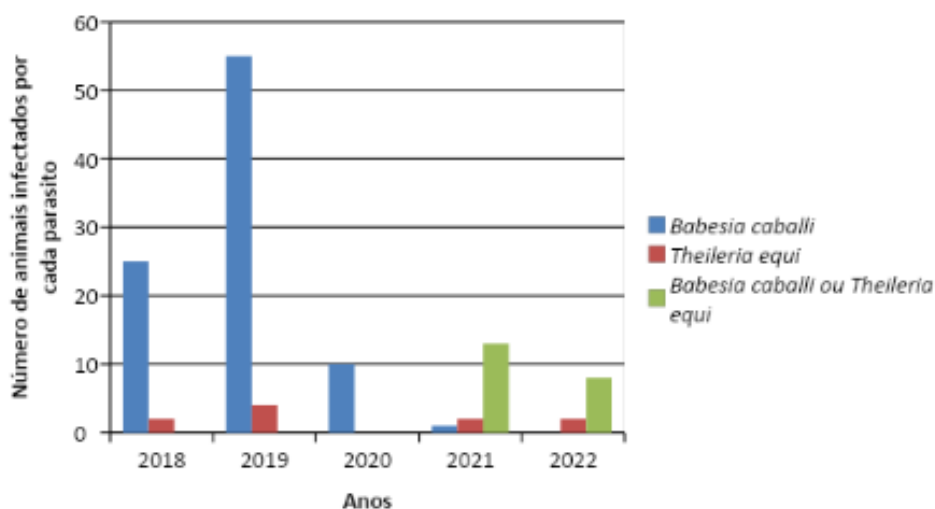


Fonte: HVET/UnB. Elaborado pela autora.

Os parasitos identificados nos registros de exames realizados pelo Laboratório de Patologia Clínica Veterinária da Universidade de Brasília são classificados em *Babesia caballi* e *Theileria equi*. Ressalta-se que quando são observadas apenas lesões nas hemácias, sem observação direta do parasita, os mesmos são classificados como *Babesia caballi* ou *Theileria equi*, uma vez que nestes casos não é possível identificar o parasito. Observa-se que *Babesia caballi* apresenta maior ocorrência em 2018 e 2019, com 25 e 55 casos confirmados, respectivamente (Figura 4).

Em 2020, foi encontrado apenas *Babesia caballi* nos exames realizados (10). Em 2021 e 2022, a maior parte dos exames positivos, sendo 13 e 18, respectivamente, não identificaram qual parasito envolvido, sendo classificado como *Babesia caballi* ou *Theileria equi* (Figura 4).

Figura 4 – Casos de piroplasmose equina identificados no HVET/UnB, 2018 a 2022, agrupados por parasito.

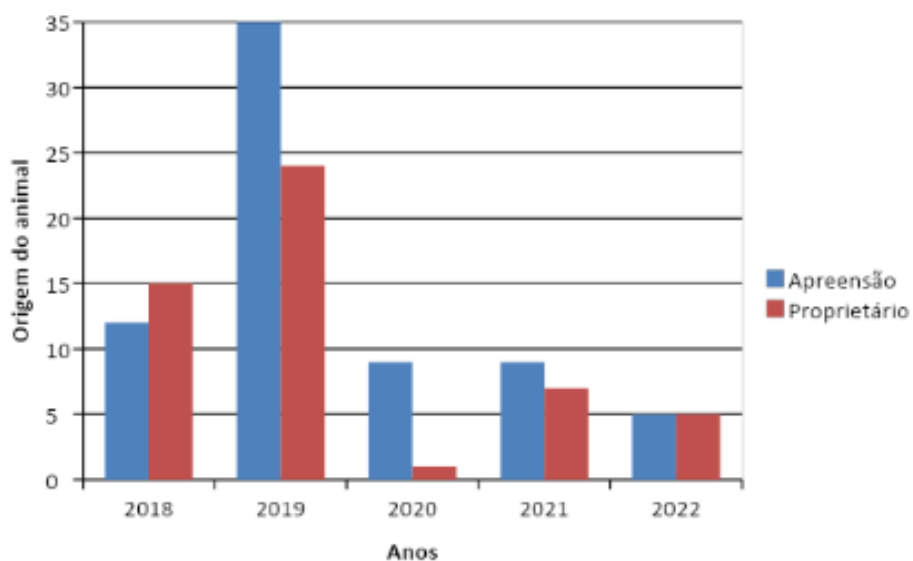


Fonte: HVET/UnB. Elaborado pela autora.

Já em relação à origem dos animais, apenas em 2018 o número de animais provenientes de proprietários, positivos para a doença, superou o número de animais advindos da apreensão e em 2022 os números foram equivalentes. Nos demais períodos, o número de animais positivos advindos da apreensão superou o número de animais de proprietários (Figura 5).



Figura 5 – Casos de piroplasmose equina identificados no HVET/UnB, 2018 a 2022, agrupados por origem do animal.



Fonte: HVET/UnB. Elaborado pela autora.

## CONCLUSÃO

Entre o período de 2018 a junho de 2022 a piroplasmose equina foi confirmada em 122 animais atendidos no Hospital de Grandes Animais da Universidade de Brasília. O mês de agosto, em todos os anos analisados, apresentou alta ocorrência de casos, e o mês de junho apresentou baixa ocorrência de casos, sendo março de 2019 o mês com maior número de casos confirmados da doença.

## REFERÊNCIAS

EVERTON E.B., MENESES A.M.C., MARQUES J.R.F., FREITAS N.M.S., FRAGOSO D.S., MANGAS T.P. & LIMA D.J.S. Valores hematológicos de equinos da raça Puruca. Anais 9º Seminário Anual de Iniciação Científica da UFRA: a pesquisa e a ética na formação profissional, Belém, PA, p.1-4, 2011.

FONSECA, R. S. Carrapatos em Equinos - Definição, Diagnóstico e Tratamento. CPT Cursos Presenciais. Minas Gerais, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.cptcursospresenciais.com.br/artigos/equinos/saude-equina/carrapatos-em-equinos--definicao-diagnostico-e-tratamento/>>. Acesso em: 12 jun. de 2022.

HEIM, A.; PASSOS, L. M. F.; RIBEIRO, M. F. B.; COSTA-JUNIOR, L. M.; BASTOS, C. V.; CABRAL, D. D.; HIRZMANN, J.; PFISTER, K. Detection and molecular characterization of Babesia caballi and Theileria equi isolates from endemic areas of Brazil. Parasitology Research. Munique, v. 102, p. 63-68, set. 2007.

JARDIM, L. S. Babesiose em equinos. Patologia Veterinária. Rio Grande do Sul, out. 2014. Disponível em: <<http://patologiaveterinaria12.blogspot.com.br/2014/10/babesiose-em-equinos.html>>. Acesso em: 12 jun. de 2022.

MASSARD, C. L.; FONSECA, A. H. Carrapatos e doenças transmitidas comuns ao homem e aos animais. A Hora Veterinária. Rio de Janeiro, v. 135 (1), p. 15-23, 2004.

NANTES, J. H.; ZAPPA, V. Nutaliose – Revisão de literatura. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária. São Paulo, ano VI, n. 10, jan. 2008.

RADOSTITS, O. M.; GAY, C. C.; HINCHCLIFF, K. W.; CONSTABLE, P. D. Diseases associated with protozoa. Veterinary Medicine. 10 ed. Edinbrgh: Saunders Elsevier, 2006, v. 2, cap. 26, p. 1483-1497

UILENBERG G. Babesia: a historical overview. Veterinary Parasitology. França, v. 31, n. 138 (1-2), p. 3-10, fev. 2006.

---

Esse material foi produzido no âmbito do projeto Epi-Ride Fortalecimento das Salas de Situação de Saúde, realizado pela Sala de Situação de Saúde da Universidade de Brasília (UNB).

COORDENAÇÃO EPI-RIDE:  
Jonas Brant

ELABORAÇÃO:  
Tarcísio Fantin Félix

REVISÃO:  
Ricardo Cavalcanti  
Yara Cavalcante



UnB